

Clássico: A sátira filosófica de Luciano de Samósata • 6

[SÁTIRA][SÁTIRA][SÁTIRA]

O ridículo das 'verdades'

Em tom satírico, o filósofo de origem síria Luciano de Samósata reescreve narrativas heróicas

A História verdadeira, de Luciano de Samósata. Concepção e tradução de Gustavo Piqueira. Ilustrações de Alexandre Camanho, Carlos José Gama e Jaca. Ateliê Editorial, 88 páginas. R\$ 45

Regina Schöpke

Vivemos em uma época em que o humor é considerado apenas uma forma de diversão sem compromisso, uma maneira de matar o tempo e aliviar o tédio. Certamente, estamos bem longe do espírito que movia a comédia na antiga Grécia, em Roma ou mesmo na Idade Média, onde o humor tinha uma função crítica das mais profundas. Sem dúvida, das velhas comédias áticas aos bobos da corte do Antigo Regime, o humor seguia a máxima: "Ridendo castigat mores" ("Rindo corrigem-se os costumes"). Era assim que, no início, brincava-se com tudo, especialmente com os grandes e poderosos, exatamente para expor suas fraquezas e seus ridículos. Um tempo bem diferente do nosso, no qual não se aplaudiam os vícios e nem se desprezavam as virtudes, como se os valores humanos fossem ninharias sem importância.

Mesmo quando a miséria, a sordidez ou a crueldade eram objetos de zombaria, a intenção era fazer pensar. Pois é exatamente este espírito livre e criativo que gerou Lucian-

no de Samósata, filósofo cínico (é o que se supõe), de origem síria, que viveu em Roma no reinado de Marco Aurélio (161-180).

Filósofo influenciou Voltaire e Machado de Assis

Não sabemos muito sobre sua vida e relações, mas sua obra nos permite avaliar um pouco do seu pensamento. Luciano, que ficou conhecido por seus diálogos satíricos, onde zombava dos poderosos, dos historiadores, dos geógrafos e até dos filósofos, não poupava mesmo ninguém quando o tema era a verdade — a despeito de parecer que seu prazer maior era zombar dela. De fato, era; mas também não era. Porque, como um bom cínico, Luciano estava longe de usar o humor e a ironia apenas para diversão. Sua intenção era também moralizadora e não é por outra razão que ele se divertia ao expor o ridículo das "verdades" construídas no interior dos discursos e das narrativas.

Neste ponto, aliás, Luciano é bem atual, mas enganam-se os que pensam que sua intenção era fazer uma apologia do falso e da mentira, ou simplesmente contar histórias mirabolantes, ainda que sua obra tenha servido de inspiração às narrativas fantásticas de Swift, Thomas More, Voltaire, e até mesmo Machado de Assis.

Autor de diversas obras, que incluem breves diálogos e outros textos satíricos um

pouco mais longos, como "A história verdadeira", agora publicada pela Ateliê Editorial, Luciano tinha uma irreverência que não deve ser confundida com falta de rigor filosófico ou teórico. E isto fica claro quando sabemos que ele também escreveu, e sem zombaria, sobre o verdadeiro ofício do historiador. Mas, sem dúvida, "A história verdadeira" é uma sátira das aventuras dos heróis de Homero e de outras tantas narrativas históricas de seu tempo.

Já no início da obra, Luciano começa pedindo aos leitores que não acreditem nele e, a partir daí, narra as histórias mais alucinantes de viagens e aventuras, onde seus "heróis" se deparam com todo tipo de monstros e criaturas bizarras, como as "árvores-mulheres", cujo beijo embebeda os marinheiros; homens que engravidam na batata da perna ou selvagens guerreiros com cara de lagosta. Sem contar o fato de que muitos filósofos, guerreiros e políticos aparecem como personagens de suas histórias.

Sim, Luciano é um ficcionista, mas sua intenção não é apenas fazer rir. Mas será que isto importa quando lemos "A história verdadeira"? Não! Podemos apenas fluir com Luciano em seu saboroso desatino, navegar com ele naquelas águas perigosas, deixar a imaginação comandar-nos. No entanto, é preciso saber que este livro é parte de sua crítica aos que, segundo ele, faziam história para agradar aos poderosos, negli-

genciando a verdade dos acontecimentos.

Quanto a esta edição, ela impressiona por sua concepção visual, com capa dura e ilustrações. No entanto, a forma acaba por superar o conteúdo, já que o tradutor, ao optar por fazer uma "tradução relativamente fiel", na qual a fonte original nem é mencionada, acaba, de certa forma, tomando o lugar do próprio Luciano. Porque, ainda que se conservem todos os elementos do texto (personagens e situações), o que difere uma obra de outra é o estilo de quem a escreve. Suprimindo-se o estilo literário encantador de Luciano, suprime-se o próprio Luciano.

Neste caso, é difícil não lamentar que o mundo contemporâneo se deleite cada vez mais com a ideia de reduzir o passado aos seus próprios valores e medida. Seria bom lembrar que nesse caminho, que parece mais fácil, também é bem mais fácil se perder — sobretudo porque se está perdendo o próprio legado humano. ■

REGINA SCHÖPKE é filósofa, medievalista e autora de "Matéria em movimento" e "Dicionário Filosófico"